

AS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA EUROPA O PROJETO INACABADO DO COSMOPOLITISMO

Cláudia Álvares*

Resumo

Como parte de um processo ideológico, a emancipação das Ciências da Comunicação na Europa resultou também de uma tentativa de harmonização de perspetivas conflituantes, entre abordagens linguísticas histórico-discursivas (Wodak, 2001) e sociocognitivas (Van Dijk, 2009). Para além de entendimentos multidisciplinares, promoveu-se inclusivamente a multiculturalidade em sintonia com a emergência do próprio projeto europeu.

Contudo, o descentramento de diferentes teorias surgidas na Europa do pós-guerra, decorrentes de especificidades nacionais e regionais, conduziu a um certo abrandamento no ímpeto da globalização e da internacionalização que marcavam o espírito promissor da emergência da investigação em Comunicação. Deste modo, as culturas académicas latino-americanas nesta área assumem um papel especialmente importante, na medida em que devem reforçar a necessidade de imprimir uma mais-valia concreta aos desafios colocados pela história de violência colonial, racial, social e de género, levando-nos a reconhecer a necessidade de se preservar espaços de crítica contra a iniquidade.

Palavras-chave: Ciências da Comunicação; Europa; investigação; cosmopolitismo

* Doutorada em Ciências da Comunicação pela Goldsmith's College, Universidade de Londres (2001), é Professora Associada na Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Foi Presidente da European Communication Research and Education Association (ECREA), de 2012 a 2017, e estuda, entre outros assuntos, a representação discursiva de género nos média, e os fenómenos de participação *online*.

E-mail: claudia.alvares@ulusofona.pt.

Introdução: O Legado do Pós-Guerra

O surgimento da disciplina das Ciências da Comunicação na Europa está irremediavelmente ligado ao passado nacional-socialista alemão, tendo o respetivo desenvolvimento desse campo do saber apostado, por um lado, numa racionalidade comunicativa (Habermas, 1984) que tem como objetivo assegurar a convivência pacífica, baseada no consenso, entre perspectivas conflitantes, bem como, por outro lado, em abordagens linguísticas histórico-discursivas (Wodak, 2001) e sociocognitivas (Van Dijk, 2009) da identidade coletiva, que consideram esta última como sendo constituída e negociada por meio de interações com a comunidade discursiva (Koller, 2008). As críticas à indústria cultural (Horkheimer & Adorno, 2002) situam-se no âmbito da racionalidade comunicativa, sendo aquela considerada tão irracional quanto os totalitarismos manipuladores que impedem os indivíduos de pensar de forma autónoma, induzindo-os num conformismo que os distancia da participação cívica ativa.

A economia política dos *media*, herdeira da crítica à indústria cultural, aponta a promiscuidade entre a indústria dos média e o domínio da política, desconfiando assim da viabilidade de uma esfera pública democrática, a qual poderá apenas ser promovida mediante a regulação dos serviços dos média. Esta corrente de pensamento surge, também ela, associada à ideia de interpelação ideológica do sujeito (Althusser, 1971), o qual é negativamente manipulado em prol do consumo. Por seu turno, a estética da receção, primeiro desenvolvida por H. R. Jauss (1982) em finais da década de 60 do Século XX e posteriormente aplicada aos *media* por Stuart Hall (1980), foca a receção do 'texto' como momento de interpretação que se baseia no contexto cultural individual do recetor, bem como nas suas experiências de vida. Assim, o significado do texto constrói-se na relação entre texto e leitor, não sendo intrínseco ao texto. Hall (1980) virá a focar a possibilidade de os leitores escaparem às interpretações preferenciais codificadas no texto pelos seus produtores, ao enveredarem por leituras oposicionais ou negociadas na tentativa de descodificação do texto.

Em todas as correntes acima explicitadas se constata uma preocupação em refletir sobre os problemas decorrentes da falha do ato comunicacional, isto é, da capacidade de se pôr 'algo' verdadeiramente em comum com o outro. Se a racionalidade comunicativa privilegia o consenso, as abordagens histórico-discursivas e sociocognitivas chamam a atenção para a necessidade de se focar a interação das identidades com o seu contexto, de modo a se compreender as estratégias retóricas

que proporcionam uma compreensão baseada em *topoi* (Wodak, 2009, p. 42), ou lugares comuns discursivos, os quais distanciam os indivíduos do pôr em comum comunicacional. As críticas à ideologia capitalista procuram ainda articular uma forma de comunicar distante da racionalidade instrumental que reduz o indivíduo a um consumidor passivo, enquanto a estética da receção desconstrói um texto assente numa perspetiva autoral, abrindo-o à comunhão com o leitor com base na experiência vivida, ao mesmo tempo que realça o facto de o 'pôr em comum' do ato comunicacional não representar um ato absolutista, mas antes algo que se vai construindo com base na negociação permanente.

Estas correntes de pensamento sobre a comunicação foram, efetivamente, fortemente influenciadas pela configuração do Holocausto enquanto momento fundacional da ideia de civilização europeia, assente na multiculturalidade, e parte integrante da memória europeia. Tendo vindo a descontextualizar-se do seu espaço e tempo, o Holocausto passa então a significar qualquer ato de injustiça, deixando de estar confinado ao espartilho da Alemanha nacional-socialista e adquirindo um estatuto de quase religião civil da Europa Ocidental enquanto símbolo universalista da violação dos direitos humanos (Levy & Sznajder, 2007, pp. 167-168).

Neste cenário, a Comunidade Europeia que toma forma no pós-guerra afirma-se como defensora de um ideário universalista dos direitos humanos, tendo como contraponto qualquer nacionalismo particularista. Os objetivos da integração europeia afiguram-se assim como superando os estritamente económicos, procurando, acima de tudo, proteger a democracia pluralista, bem como o Estado de Direito, e obrigando os membros que aderem ao projeto europeu a respeitar tais princípios. Entre as razões que conduzem Habermas, por exemplo, a apoiar o projeto europeu, está o facto de muitos dos seus fundadores terem sido motivados pela memória imediata da guerra e da violência nacionalista, constituindo-se estas experiências como força motriz para o desenvolvimento de formas pós-nacionais de solidariedade e segurança (Stevenson, 2005, p. 4). A pós-nacionalidade remete para uma Europa cosmopolita, que estabelece mediação entre o nacional e o global, obedecendo a uma lógica cultural de constante autotransformação, assente na criação de uma sociedade civil que se estende para além das fronteiras nacionais (Delanty, 2005, p. 405).

Herdeiras deste legado, as Ciências da Comunicação na Europa são permeáveis a uma perspetiva culturalista amena à crítica aos nacionalismos sob a forma do estudo do pós-colonial e dos estudos de género (Hall, 2000), em consonância com

os objetivos de afirmação de uma esfera pública europeísta e descentralizadora dos particularismos contrários ao universalismo que subjaz ao projeto europeu.

Diferentes Tradições Europeias

A crise global de 2008 afetou profundamente o continente europeu, estando as Ciências da Comunicação a sofrer as consequências de cortes drásticos de financiamento aos níveis nacional e internacional, assim comprometendo a capacidade de fazer investigação de modo crítico e academicamente sustentado, privilegiando-se agora o empreendedorismo e desenvolvimento empresarial como critérios impulsionadores da investigação científica. Nesta perspetiva, corre-se o risco de pôr em causa o reconhecimento da necessidade de se efetuar estudos de longo-prazo, encorajando-se trabalhos que promovam uma visão instantânea do comportamento comunicacional. Há uma clara tendência de se privilegiar o quantitativo e a vertente positivista, com o perigo implícito de que, ao se medir apenas o mensurável, se deixe de parte aquilo que importa realmente analisar. Este pendor tem sido acompanhado por uma tentativa de camuflar a teoria que subjaz a qualquer tipo de investigação, não se assumindo explicitamente. Carecendo muitas vezes da explicitação do devido enquadramento teórico, os dados empíricos recolhidos por investigadores reduzem-se a factos sem significado, aproximando-se mais da informação do que do conhecimento, requerendo este último sempre uma sustentação teórica. Nestas circunstâncias, a investigação na área da Comunicação e dos Média torna-se difícil de distinguir da pesquisa de mercado, a qual se afigura colossal, correndo o risco de facilmente cair na tentação de se ficar pela rama, relegando para trás a difícil tarefa de construção de enquadramentos teóricos que contextualizem os factos (Álvares *et al.*, 2014, pp. 42-43).

Embora as teorias referidas na parte introdutória do texto sejam importantes à luz dos objetivos do projeto europeu surgido no pós-guerra, haverá tradições europeias diversas, aproximando-se em maior ou menor grau aos particularismos nacionais e regionais europeus, as quais condicionam os enquadramentos teóricos aplicáveis à parte pragmática da investigação. A investigação nesta área em França, por exemplo, tem vindo a ser largamente dominada pelo eixo da semiologia, com o objetivo de focar o conteúdo da comunicação mediante a análise das estruturas do discurso, por oposição aos métodos mais quantitativos vigentes noutros contextos (Flichy, 1980, p. 179). Essa abordagem semiológica

vai centrar-se na cinematografia em vez de outros meios de comunicação mais massificados, nomeadamente a televisão. Em França, os meios massificados têm sido mais abordados pela Sociologia da Cultura, tendo como expoente de relevo Pierre Bourdieu, autor cujo trabalho tem contribuído para contextualizar o uso dos *media* no âmbito de atitudes culturais generalizadas, rompendo assim com a tradição da sociologia da comunicação norte-americana, associada a um paradigma centrado nos *media* (i.e. ‘mediacêntrico’), de acordo com o qual todas as atividades sociais se tornam periféricas em relação àqueles (Flichy, 1980, p. 189).

O conceito de mediação (Krotz, 2008), primordialmente desenvolvido na Alemanha e nos países nórdicos, traduz este processo ‘mediacêntrico’, descrevendo a adaptação das macroinstituições da sociedade à presença ubíqua dos *media* (Mazzoleni & Winfried, 1999, p. 250). Nesta perspetiva, os *media* deixam de ser vistos como separados dessas instituições (Hjarvard 2008, p. 7), deixando de agir como elos de mediação entre o indivíduo e o social, mas antes funcionando como parte da tessitura do próprio social, definindo o modo como as questões são enquadradas para discussão pública. A influência dos *media* radica então na interiorização da ‘lógica dos *media*’ pelas instituições e atores sociais de modo a ganharem legitimidade e reforçarem o seu poder.

Os *media* como alvo de intervenção de políticas públicas de regulação (Curran, 2002; Golding & Murdock, 2005), tendo em vista a sua proteção contra a concentração indevida de propriedade, é um dos principais temas abordados pela economia política de inspiração britânica. Presumindo que a classe detentora dos meios de produção material também controla os meios de produção mental de uma sociedade, esta corrente faz opor o Estado às corporações económicas numa tentativa de garantir o acesso equitativo aos meios de comunicação enquanto bem público, semelhante à educação. Na atualidade, a lógica do mercado condiciona o acesso à informação *online* através do controlo concentrado das grandes corporações da área dos novos *media*, que introduzem filtros personalizados em benefício de anunciantes, pondo em causa a privacidade e a vigilância, as quais têm em vista o interesse público.

Efetivamente, as interações, *links* e perfis *online*, bem como o uso do telemóvel geram informação excedentária sobre as atividades online dos utilizadores, a qual pode ser rastreada, explorada e usada por aqueles que não participam nessas mesmas interações. Bases de dados são criadas como ‘pegadas’ de informação pessoal que os participantes deixam *online* enquanto comunicam, tornando-as (frequentemente sem que o saibam) acessíveis a terceiros, tendo em vista a sua

utilização para estudar padrões de efetuação e recepção de chamadas, envio e recepção de mensagens, carregamento/d Descarregamento de ficheiros, atividades de *friending* e de *liking*, ou os respetivos contrários, no *Facebook*. Baseados em grandes volumes de dados (*big data*) que são coligidos, analisados e usados, não apenas com objetivos de pesquisa, mas também – e sobretudo – para fins comerciais e políticos, percebe-se que os novos media representam séria ameaça, aos níveis ético e jurídico, para a esfera pública democrática (Álvares *et al.*, 2014, pp. 43-44).

Internacionalização e Híbridez

O mundo globalizado onde se faz investigação e ciência obriga-nos a pensar em termos de possíveis entrelaçamentos, que podem ser estabelecidos com outras áreas geográficas, numa perspectiva descentralizadora do olhar, muitas vezes enviesado em torno do mundo anglófono, se não mesmo europeu (Martins, 2010; Kunsh e Melo (2012); Martins & Oliveira (2014)). Qualquer tentativa no sentido de ‘internacionalizar’ a nossa área de estudo requer, no entanto, alguma reflexão sobre as consequências dessa internacionalização para as diversas partes intervenientes (Mansell, 2007, p. 287). Tal esforço deve então ser acompanhado de uma efetiva interdisciplinaridade crítica, que nos impele a problematizar a relação entre margem e centro na ‘economia epistémica dos estudos de comunicação’ (Althusser citado em Mansell, 2007, p. 287).

Ousamos então interrogar-nos sobre a mais-valia concreta que as culturas académicas latino-americanas da área das Ciências da Comunicação podem trazer para a Europa. São as veias abertas da América Latina (Galeano, 2007 [1978]), que expõem uma história de violência colonial, racial, social e de género, levando-nos a reconhecer a necessidade de se preservar espaços de crítica contra a iniquidade. Aí podemos realçar a importância de se estabelecer uma ponte entre a tradição britânica dos Estudos Culturais, oposta à Economia Política dos Media, e a Comunicação, ligação essa que já existe no Reino Unido, e que aparenta ver-se também refletida em muitos países da América Latina. É da crítica ao universalismo que se trata, numa tentativa de se apoiar um campo disciplinar que é antes de mais interdisciplinar na sua recusa da pureza ou autenticidade intelectuais. O conceito de híbridez multitemporal de Nestor García Canclini (1989) remete para a coexistência de múltiplas temporalidades na América Latina, onde as narrativas da modernidade coabitam com as da tradição. Tal como afirma Jesús

Martín-Barbero (1991), tais narrativas desfrutam de uma relação híbrida com a modernidade, incorporando elementos pré- e pós-modernos. Esta é uma mistura ou mestiçagem que não conduz a uma 'síntese', no sentido hegeliano, mas antes ao reconhecimento da contradição como algo intrínseco à modernidade, de modo similar à dialética da negatividade adorniana (Adorno, 2000 [1966]), que substitui uma teleologia orientada para o futuro sob a forma da 'narrativa de necessidade' pela contingência. A sociologia transgressiva de Sousa Santos (2010) também se baseia numa noção do 'ainda não' (Noch Nicht), que o filósofo utópico, Ernst Bloch, desenvolvera como resposta ao que considerava um dualismo rígido entre 'tudo' (Alles) ou 'nada' (Nicht). É na ambivalência entre processos 'primitivos' e 'amplificados' de acumulação de capital, lutas 'defensivas' e 'ofensivas' contra modos dominantes de ver o mundo e o uso contra-hegemónico de instrumentos hegemónicos que se joga a contradição civilizacional de uma modernidade não-linear, que efetivamente nunca foi nem será linear, em lado algum, mas cuja fragmentação se revela nesta conjuntura sem disfarce (Núñez, 2014, p. 138). A Europa cosmopolita, com o seu legado pós-colonial, também vive uma modernidade em mosaico, procurando por vezes impor o legado linear do iluminismo de forma a encobrir a coexistência forçada de outras temporalidades no seu interior, não sabendo como lidar com essa 'contradição' que põe em causa o próprio universalismo da esfera pública europeísta.

A desterritorialização e hibridização que a modernidade trouxe à América Latina teve origem em processos de comunicação multidimensionais (Martín-Barbero, 2006, p. 283), nomeadamente as indústrias culturais e os meios de comunicação de massa responsáveis por novos processos de produção e circulação culturais. Não se tratando apenas de inovações tecnológicas, tais processos acabaram por criar novas percepções e sensibilidades, visíveis na economia simbólica da arte urbana e na mediação de identidades por meio da telenovela. De forma similar, os estudos culturais britânicos também se têm interrogado sobre o papel dos *media* e da indústria cultural nas mudanças nas relações de poder, conduzindo a uma desestabilização das definições tradicionais de identidade e promoção de novas formas de agenciamento. Numa vertente mais ligada à economia política dos *media*, questões relacionadas com a indústria criativa são fulcrais neste momento para a Europa, em que a par de cada vez mais oportunidades para os criadores de conteúdos resultante do uso das novas tecnologias, os meios de armazenamento e distribuição de massa para lucro continuam a ser dominadas por corporações globais (Álvares *et al.*, 2014, p. 39).

Conclusão

O início deste texto foca a história das Ciências da Comunicação na Europa, salientando a sua ligação aos objetivos do projeto europeu do pós-guerra, muito particularmente o combate aos totalitarismos, a promoção da convivência consensual entre partes conflitantes e a defesa dos direitos humanos. Obedecendo antes de mais a um desafio político que seria consolidado por meio de uma aliança económica, a integração europeia tornou-se simbólica de ideais humanistas e universalistas antagónicos aos particularismos nacionais, considerados como convergentes com o nacionalismo, o qual fazia ressuscitar imagens da então ainda recente experiência nacional-socialista.

Nesse contexto, as teorias da racionalidade comunicativa, as abordagens sociolinguísticas histórico-discursivas e sociocognitivas, as críticas à indústria cultural, antecipando a economia política dos *media*, bem como a teoria da recepção apontam caminhos para a emancipação do sujeito. A emancipação também é objetivo dos estudos culturais britânicos, os quais promovem um descentramento das narrativas universalistas de legitimação, chamando a atenção para as relações entre conhecimento e poder que subjazem às mesmas. Estabelece-se assim uma ponte entre a crítica emancipatória, que almeja libertar o indivíduo dos grilhões do pensamento conformista, e as correntes de pensamento latino-americanas que enfatizam a hibridez, mestiçagem, modernidade fragmentada e desterritorialização.

Apesar do descentramento das teorias surgidas na Europa do pós-guerra, subsistem tradições europeias diferentes, que não fogem aos particularismos nacionais e regionais europeus, as quais condicionam os enquadramentos teóricos aplicáveis à parte pragmática da investigação. Alguns exemplos são a semiótica estruturalista francesa, a teoria da mediatização que prevalece nos países nórdicos e na Alemanha, bem como os estudos de regulação inspirados na economia política britânica. Obviamente que estas correntes de pensamento não são estanques, resistindo ao confinamento às fronteiras nacionais, e encontrando forte adesão noutros países da Europa e mesmo noutros continentes. No entanto, talvez respondam mais ao ímpeto da globalização do que do cosmopolitismo, tal como surgido no pós-guerra. Enquanto a globalização diz respeito à convergência de plataformas, mercados e hábitos de consumo, podendo a semiótica, a mediatização e a regulação ser aplicadas ao estudo de produtos globalizados, o ímpeto cosmopolita que serve de inspiração às primeiras correntes mencionadas – racionalidade comunicativa,

sociolinguística, críticas à indústria cultural e teoria da recepção – prende-se com uma clara vertente emancipatória. Tanto as teorias mais vocacionadas para a esfera pública europeísta como as mais orientadas para lidar com os produtos mediáticos da globalização são complementares numa Europa transnacional, caracterizada por um legado simbólico universalista, onde os media digitais contribuem cada vez mais para a globalização do próprio cosmopolitismo.

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. W. (2000 [1966]). *Negative Dialectics*. Londres: Routledge.
- ALTHUSSER, L. (1971 [1970]). *Lenin and Philosophy and Other Essays*. Londres: New Left Books.
- Álvares, C.; Cardoso, G.; Dahlgren, P.; Erstad, O.; Fornas, J.; Golding, P.; Nieminen, H.; Sparks, C.; Splichal, S. & Xinaris, C. (2014). *ESF Forward Look – Media in Europe: New Questions for Research and Policy*. Estrasburgo: European Science Foundation.
- CURRAN, J. (2002). Media and Democracy: The Third Way. In *Media and Power* (pp. 217-248). Londres: Routledge.
- DELANTY, G. (2005). The Idea of a Cosmopolitan Europe: On the Cultural Significance of Europeanization. *International Review of Sociology*, 15(3), pp. 405-421.
- FLICHY, P. (1980). Current approaches to mass communication research in France. *Media, Culture and Society*, 2, pp. 179- 188.
- GALEANO, E. (2007 [1978]). *As Veias Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GARCÍA Canclini, N. (1989). *Culturas híbridas: Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Cidade do México: Grijalbo.
- GOLDING, P. & Murdock, G. (2005). Culture, Communication and Political Economy. In *Mass Media and Society* (pp. 70-92). Londres: Hodder Education.
- HABERMAS, J. (1984 [1981]). *The Theory of Communicative Action*, Vol. 1: Reason and the Rationalization of Society. Boston: Beacon Press.
- HALL, S. (1980). Coding and encoding in television discourse. In Stuart Hall/Centre for Contemporary Cultural Studies (Org.), *Culture, Media, Language* (pp. 197-208). Londres: Hutchinson.
- HALL, S. (2000 [1992]). O Legado Teórico dos Cultural Studies. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 28, pp. 65-81.
- HJARVARD, S. (2008). The Mediatization of Religion: A Theory of the Media as Agents of Religious Change. In *Northern Lights 2008. Yearbook of Film & Media Studies* (pp. 9-26). Bristol: Intellect Press.

- HORKHEIMER, M. & Adorno, T. W. (2002 [1947]). *Dialectic of Enlightenment: Philosophical Fragments*. Stanford: Stanford University Press.
- JAUSS, H. R. (1982). *Toward an Aesthetic of Reception*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- KOLLER, V. (2008). Analysing collective identity in discourse: combining discourse-historical and socio-cognitive approaches. Comunicação apresentada no *Sociolinguistics Symposium: Micro and Macro Connections*. Retirado de <http://www.meertens.knaw.nl/ss17/contributions/abstract.php?paperID=266>
- KROTZ, F. (2008). Media Connectivity: Concepts, Conditions, and Consequences. In A. Hepp; F. Krotz; S. Moores & C. Winter (Orgs.), *Network, Connectivity and Flow: Key concepts for Media and Cultural Studies* (pp. 13-32). Nova Iorque: Hampton Press.
- KUNSCH, M. & Melo, J. M. (Orgs.) (2012). *Comunicação Ibero-americana: sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação*. São Paulo: Confibercom & Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.
- LEVY, D. & Sznaider, N. (2007). Memories of Europe: Cosmopolitanism and Its Others. In C. Rumford (Org.), *Cosmopolitanism and Europe* (pp. 158-177). Liverpool: Liverpool University Press.
- MANSELL, R. (2007). The problem of internationalizing media and communication research. *Global Media and Communication*, 3(3), pp. 283-288.
- MARTÍN-BARBERO, J. (1991, 3 de novembro). Sobre “Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. Reseña. *El Espectador, Magazín Dominical*, 445. Retirado de <http://nestorgarciacanclini.net/index.php/hibridacion-e-interculturalidad/73-resena-sobre-culturas-hibridas-estrategias-para-entrar-y-salir-de-la-modernidad>.
- MARTÍN-BARBERO, J. (2006). A Latin American perspective on communication/cultural mediation. *Global Media and Communication*, 2 (3), pp. 279-297.
- MAZZOLENI, G. & Winfried S. (1999). “Mediatization” of Politics: A Challenge for Democracy? *Political Communication*, 16 (3), pp. 247-261.
- MARTINS, M. L. (2010). A mobilização infinita numa sociedade de meios sem fins. In C. Álvares, C. & M. Damásio (Org.) *Teorias e práticas dos media. Situando o local no global* (pp. 267-278). Lisboa: Edições Lusófonas. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/24250>.
- MARTINS, M. L. & Oliveira, M. (Eds.) (2014). *Comunicação ibero-americana: os desafios da internacionalização*. Livro de atas do II Congresso Mundial de Comunicação ibero-americana. 13-16 de abril de 2014. Braga: Confibercom / Universidade do Minho / Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). eBook. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/33031>.

- NÚÑEZ, D. (2014). Book review: Refundación del Estado en América Latina: perspectivas desde una epistemología del sur. *International Sociology*, 29, pp. 137-139.
- SOSA Santos, B. de (2010). *Refundación del Estado en América Latina – Perspectivas desde una epistemología del Sur*. La Paz/Bolivia: Plural Editores, CESU-UMSS.
- STEVENSON, N. (2005). European Cosmopolitanism and Civil Society: Questions of culture, identity and citizenship. *Innovation*, 18 (1), pp. 45-59.
- VAN Dijk, T. A. (2009). Critical Discourse Studies. A sociocognitive approach. In R. Wodak & M. Meyer (Org.), *Methods of critical discourse analysis* (pp. 62-85). Londres: Sage.
- WODAK, R. (2001). The discourse-historical approach. In R. Wodak & M. Meyer (Org.), *Methods of critical discourse analysis* (pp. 63-95). Londres: Sage.
- WODAK, R. (2009). *The Discourse of Politics in Action: Politics as Usual*. Basingstoke: Palgrave, Macmillan.